

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

PORTO ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares. Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Iniciação Científica, do CNPq. (Graduando, 8º período) Os Donos da Bola: os dirigentes de futebol e o seu papel no processo de transformação do futebol brasileiro (1982-1998)

Por que um homem se torne dirigente de futebol? Por que, um homem de sucesso como o Dr. Francisco Horta, dedica grande parte de seu tempo, durante quatro anos, ao seu clube do coração, sem nada receber em troca, apenas por puro amor? Mais ainda: apesar de ter sido eleito Deputado Estadual e inúmeras outras glórias, qualifica este período de pura devoção como “o período áureo de minha vida”? Por que um homem rico como o comerciante George Helal investe inadvertidamente seu “próprio dinheiro” no clube, aparentemente, nada recebendo em troca?

Uma das principais motivações de “ser dirigente”, para além da paixão do “pertencimento clubístico”, tornar-se um dirigente significa, essencialmente, captar status simbólico (Russel, 1997: 163-182). Em geral, os dirigentes de futebol, como dissemos, são as figuras proeminentes da comunidade (ou aldeia). Em Bali, era comum que o líder tribal, o chefe da aldeia, de cujo corpo (e alma) estão dotados de grande quantidade de mana, fosse, normalmente, aquele imbuído de organizar a briga de galos. Uma das hipóteses centrais do famoso texto de Clifford Geertz se remete ao fato de que a briga de galos nada mais é do que uma dramatização dos conflitos existentes na sociedade balinesa.¹ Ora, diz o antropólogo norte-americano: “Da mesma forma que a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali-, na verdade, são os homens que se defrontam” (GEERTZ, 1978: 273) No Brasil, a relação óbvia está entre relacionar o futebol à sociedade brasileira². Os dirigentes, portanto, estariam no topo da hierarquia social do futebol; são as figuras da alta classe dominante. Assim sendo, a grande maioria possui, em seu habitus de classe, os ideais vinculados às elites dominantes do país: sobretudo, a naturalização dos processos sociais inerentes à nova fase do capitalismo, o neoliberalismo (capitalismo flexível). Sendo assim, recorreremos à Bourdieu quando este

¹ Não obstante alguns autores acusem, friamente, Geertz de ignorar os conflitos sociais existentes na sociedade balinesa, na verdade, o antropólogo norte-americano está à procura do significado presente na rinha de galos, o que, supostamente, seria capaz de suprimir as clivagens inter-classe (e intra-classe).

² Evidentemente, conforme demonstrado por José Miguel Wisnik (2008), o futebol não *representa*, de forma mecânica e direta, a sociedade brasileira como um todo; antes, *dramatiza os conflitos* pelos quais aquela sociedade está passando

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

diz: “Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos como algo óbvio, o esporte moderno”. (1980:137) Neste texto, em especial, “Como é possível ser esportivo?” (1980), Bourdieu procurou aplicar sua teoria ao estudo da sociologia do esporte. Nele, Bourdieu afirmava qual questão que a sociologia do esporte deve procurar responder:

“Como foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas, que vive diretamente ou indiretamente do esporte? (...) E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados às posições que aí ocupam?” (1980: 137)

Nesse sentido, devemos, por ora recorrer à Arlei Sander Damo, em seu importante livro, *Do Dom à profissão* (2008), traça uma importante quando distingue entre as diferentes formas de se praticar o futebol. Inversamente, ao invés de se falar em “futebol”; deve-se, pois, se falar de ‘futebóis’ em diversas matrizes de “futebóis”. Para Arlei Damo, poderíamos traçar predominante quatro, quais sejam: a bricolada³ (2008: 42-45); a comunitária⁴ (2008: 45-47); a escolar⁵ (47-49) e a espetacularizada (2008: 42-45). A “matriz espetacularizada” caracteriza-se pela divisão, rígida e estreita, dos papéis sociais. Para Arlei Damo, os quatro grupos claros que estão presentes na matriz espetacularizada do futebol são: “os torcedores, os jogadores, os especialistas e os dirigentes”. Nosso projeto de estudo tem como objeto a compreensão da ação dos dirigentes na matriz ‘espetacularizada’, em sua última fase, o que, pelo menos até agora, foi negligenciado pela bibliografia sobre futebol em geral. Não havia, no período de gênese do campo esportivo, uma separação radical entre os praticantes do esporte e os que organizavam o jogo, conforme demonstrado por Pierre Bourdieu (1980). Essa

³ “A matriz bricolada caracteriza-se por existir à margem dos agenciamentos, sendo este um critério seguro que a singulariza em relação às demais matrizes futebolísticas. As regras, além de adaptadas, são arbitradas pelos próprios praticantes” (Damo, 2008: 41)

⁴ “A matriz comunitária não exige dos atletas o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas as fronteiras não são, de qualquer modo, tão porosas quanto nas configurações bricoladas” (Damo, 2008: 45)

⁵ “O futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da educação física, como parte das disciplinas legalmente constituídas, deveria ser tratado na sua especificidade, dadas as relações que tal prática estabelece com o contexto que a legitima” (Damo, 2008: 47)

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

separação radical só se tornou possível a partir da visão do futebol como um espetáculo rentável e lucrativo, a ser gerido e desenvolvido por homens proeminentes e amadores⁶, e a ser jogado e praticado por jogadores profissionais.

Isto posto, o processo de “sociogênese da espetacularização” remonta à profissionalização do futebol em si, mas ganhou corpo, sobretudo, a partir da década de 1970. Nesse momento, a que chamaremos de “última etapa da espetacularização”, o futebol começará a ser pensado quase que exclusivamente como um negócio bastante lucrativo e o capital se colocará no centro do jogo, ou melhor, no centro do espetáculo. Nos anos 1980, com a permissão de se fazer patrocínio nas camisas dos clubes (a partir de 1982) e, com especial sentido, a autorização para a transmissão de jogos ao vivo na televisão (em 1987) a lógica e a dinâmica do jogo iriam se transformar quase que por completo. A “Lei Zico”, em um primeiro momento, e a “Lei Pelé”, na conclusão do processo, foram resultantes de um processo cujas demandas há muito vinham sendo colocadas em pauta por diversos membros do campo esportivo.

Não obstante, a bibliografia especializada sobre futebol seja lacunar em relação aos dirigentes, o processo da última etapa da espetacularização e da transformação do futebol que a sucedeu foi tratado com especial apreço. Nesse sentido, há de se louvar o trabalho pioneiro de Ronaldo Helal (1997), *Passes e impasses: futebol e cultura de massas no Brasil*. A pesquisa do sociólogo da UERJ remete aos processos de “crise” do futebol brasileiro que se instauraram a partir da década de 1980. Ronaldo Helal objetiva compreender o que provocou a crise e a falência do modelo de se fazer futebol no Brasil. Inspirando-se na antropologia do óbvio de Roberto Da Matta, para o autor a questão central está ligada ao dilema dos códigos existentes na sociedade brasileira: entre o tradicional e o moderno. Sendo assim, para cada avanço em direção a uma modernização, há um entrave permanente diante do “velho” (para cada “passe”; há um “impasse”). De qualquer forma, Ronaldo Helal (1997) escreve seu livro no momento de discussão da “Lei Zico” e um ano antes da chamada “Lei Pelé”, ou seja, quando estes

⁶ A “*lógica do amadorismo*” implica dizer que os dirigentes, os que estão de fora, dispõem de tempo livre o suficiente para dar conta em suas atividades intelectuais do clube, garantindo-lhes assim o *status simbólico*. Destarte, não raro os dirigentes são figuras proeminentes da *comunidade* (aldeia) que investem *capital econômico* em muitos clubes, procurando obter em troca *capital simbólico*. A idéia de *mutabilidade de capitais*, veremos, é um dos pontos-chave da pesquisa em curso. Isto posto convém recordar que os Presidentes de Clube, normalmente, trabalham gratuitamente, o que, como vimos, é fundamental para a percepção do *ethos* que é auferido ao cargo.

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

processos estavam em pleno vapor e estavam longe de mostrarem a sua real face.

Na verdade, Marcelo Proni (2000), em *A metamorfose do futebol*, foi quem melhor percebeu que os processos de hiper-comercialização do futebol estão umbilicalmente ligados à questão da falência do modelo de Estado e à implementação do modelo neoliberal do livre-mercado. Nele Proni, ressalta a ação dos agentes na escolha de um determinado processo de “modernização do futebol” que se pretendeu implantar para o caso brasileiro. Proni ressalta ainda o papel de catalisador do processo exercido pelo dinheiro adquirido junto à televisão, que foi fundamental para a maneira de se perceber o jogo. Nos anos 1980, com as transformações resultantes da “modernidade líquida” e da “globalização”, a idéia do futebol como negócio se desenvolveu de vento em popa. Proni mostra, tenazmente, a maneira pela qual se deu o processo que desembocou na Lei Pelé e Lei Zico, foi resultante da dinâmica sócio-histórica que atravessava o Estado brasileiro. Em 1987, durante a fundação do Clube dos 13, apoiada pela maioria da imprensa, é um marco na renovação da idéia de se fazer no futebol no Brasil. Marco, pois, da percepção do futebol enquanto um negócio e da televisão enquanto a dona do espetáculo. De acordo com Fábio Koff, ex-presidente do Clube dos 13:

“Minha tendência é profissionalizar o Clube dos 13. (...) Um dos grandes negócios do mundo é o entretenimento, do qual o futebol faz parte. Até bem pouco, os dirigentes não sabiam explorar esse mercado. E não sabíamos porque a nossa mercadoria não era boa. O futebol não é um jogo de bola, é um negócio.” (Koff Apud Proni, 2000: 195)

Nesse contexto, a “matriz espetacularizada” do jogo se complexificou intensamente, o que complexificou ainda mais a já rígida e estreita divisão social do trabalho e a definição rigorosa dos papéis sociais. Emerge então a defesa de um processo de especialização absoluta dos dirigentes, e passa-se a questionar a condição amadora dos dirigentes, defendendo, portanto, a profissionalização da gestão dos clubes no Brasil. De qualquer forma, embora tenham investigado os sentidos diversos referentes às transformações do futebol, a bibliografia não deu a devida atenção à atuação dos dirigentes.

Vejamos o que diz Damo a respeito:

“Lamentavelmente, há uma lacuna historiográfica, sociológica e etnográfica acerca dos dirigentes de futebol. Pouco se sabe a respeito deles, à exceção do que é filtrado pelos cronistas esportivos que, como dito há pouco, são parte do campo e, portanto suas tomadas de posição comprometidas pelas lutas travadas no interior do próprio campo. O fato de que abundam trabalhos sobre torcedores e há um vácuo em relação aos dirigentes, retraduz, em grande parte, a dificuldade de se investigar os circuitos empoderados, algo recorrente ao menos em se tratando de etnografia”. (DAMO, 2008: 339)

Sabendo que:

“(...) os dirigentes são os que detêm controle das agências que ditam os rumos do futebol de espetáculo. São recrutados, quase sempre, entre as camadas médias e a elite. Há os dirigentes que ocupam cargos eletivos (como são presidentes do clube, federações e confederações) e os que detêm postos estratégicos de gestão assegurados por outras vias, como são as nomeações de acionistas, patrocinadores, administradores, há uma extensa lista de novos gestores, produtos e produtores das últimas etapas da espetacularização do futebol, aliados e/ ou rivais dos cartolas tradicionais” (DAMO, 2008: 43)

Acreditamos ser necessário investigar a fundo o perfil geral dos dirigentes no Rio de Janeiro, pois só assim compreenderemos a fundo o processo de hipercomercialização do futebol e a dinâmica do campo esportivo. Isto posto cabe lembrar que esta pesquisa tratará dos dirigentes que ocuparam cargos eletivos (ex-presidentes dos quatro clubes grandes), mas, como destacaremos, se preocupará com a relação entre “novos dirigentes” (“produtos e produtores da última etapa da espetacularização do futebol”) e os “dirigentes tradicionais” (dos clubes, fundamentalmente). Dito isso, observamos durante nossa pesquisa os dirigentes são figuras recrutadas entre as classes altas da população, com um grau de escolaridade relativamente alto e/ou um grau de renda muito significativo. Normalmente, são pessoas que dispõem de capital simbólico e/ ou cultural e/ou político e/ ou econômico, adquirido e/ ou herdado, relativamente alto. Estas variantes formas de capitais podem estar em constante mutação, em constante mudança. Muitas vezes, um dirigente com alto grau de capital simbólico pode adquirir

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

um capital político significativo. É o caso de Márcio Braga, eleito Deputado constituinte após uma passagem vitoriosa enquanto gestor do Flamengo. Diante da percepção das benesses sociais possibilitadas pelo campo esportivo, os agentes nele inseridos constroem uma rede sob a qual estruturam e consolidam o poder nos clubes. Destaca-se o fato de que esta rede movimenta não só os dirigentes dos clubes, mas também pessoas proeminentes do campo esportivo, como jornalistas e figuras-símbolo das torcidas organizadas. É criada a partir da construção de uma clientela, i.e., a partir da distribuição de cargos e troca de favores (entre os políticos mais importantes do clube); mas também na distribuição de ingressos à membros de torcidas organizadas e no tratamento com a imprensa. É muito comum a distribuição das “vices-presidências” dos clubes a grupos rivais ou de postos proeminentes (diretores, etc., a fim de se pacificar o, normalmente, conturbado ambiente dos clubes. Nesse sentido, o depoimento de George Helal é significativo:

“E me tornei vice-futebol, com o Richer (ex-presidente do Flamengo, 1969-1970). E a partir daí me tornei tudo dentro do Flamengo. Dali foi uma carreira. Fui vice-futebol, fui vice de finanças, fui vice de futebol novamente com o Ivan Drummond, fui vice presidente eleito com o Marcio Braga, eleito em 78 fui presidente do conselho assessor, que se chamava, hoje é o conselho de administração. Depois o Antonio Augusto foi eleito presidente, eu o ajudei. Apesar de ser politicamente contrario ao Marcio Braga até hoje, ele queria que eu fosse o homem do conselho deliberativo. Eu dizia: eu não sou deliberativo, eu sou executivo. Eu sou o homem da execução. Mas ele dizia: ‘Mas você precisa ser, porque eu preciso de um conselheiro com prestígio’ Naquela época, é verdade, anos 1970-1980, eu tinha muito prestígio. Hoje, evidentemente, o tempo passou, o desgaste, não tenho tanto prestígio. Tenho prestígio ainda, mas diminuiu bastante.”⁷

A construção dessa rede só faz sentido diante da percepção muito clara por parte dos agentes de que o clube lhe pode proporcionar diversas formas de capital, seja na forma de benesses simbólicas; seja na forma de benesses culturais, garantindo aos agentes a distinção necessária à manutenção do status quo. Sendo assim, as múltiplas

⁷ Este tipo de argumento também está presente na fala de Gilberto Cardoso Filho que definiu a política do Flamengo como “autofágica” Daí a necessidade de cooptação dos grupos, caso contrário, na definição do próprio Gilberto Cardoso Filho seria uma “catástrofe”.

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

formas de capital existentes que se adquire ao se ocupar um cargo no Flamengo ou no Vasco, avançam para além de questões meramente econômicas, fundamentalmente estão remetidas ao capital político, simbólico e social, que, no outro campo, podem transmutar-se em capital econômico, como referido alhures. Assim sendo, os dirigentes constroem uma ampla rede social, uma clientela, dentro e fora do clube, que lhes permite adquirir, de diversas formas, as benesses do campo. Fora do clube, esta rede é composta por uma clientela, que envolve, além da imprensa e da torcida organizada, também os “novos gestores do futebol” (i.e., os empresários) Em sua entrevista, Gilberto Cardoso Filho afirmou que existe entre dirigentes e empresários “uma zona nebulosa, uma massa cinzenta, um mistura de dirigentes e empresários que ninguém explica”. Os métodos de construção da rede são, sem dúvida, de cooptação dos grupos sociais são regidos sob a lógica do clientelismo. No que diz respeito à questão da clientela, há de se concordar com Damo sobre o fato de que:

“Embora se diga que o futebol seja um esporte moderno e as instituições que lhe dão suporte estejam na vanguarda da globalização, o apadrinhamento, a patronagem e o clientelismo seguem-no de perto, ao menos no Brasil” (Damo, 2008: 207)

Aqui, há de se chamar atenção para a noção de honra, tal qual como problematizada pela antropologia. Na realidade brasileira, em oposição à anglo-saxônica, a política é vista como um sacrifício. Nesse sentido, a entrevista de George Helal é emblemática, vejamos um trecho:

“Mas, enfim, neste prédio em que eu fui morar, morava o Orlando Barros, infelizmente falecido, que viu em mim, a minha trajetória, a minha torcida e papapa, aquela história toda. E veio me visitar várias vezes para eu me tornar dirigente. E eu dizia: “Não, não quero saber, não entendo disso. Eu sou torcedor”. Eu era torcedor. Torcedor de arquibancada mesmo, sem demagogia. Eu era um Arquibaldo, como diz o nosso querido Apolíneo. Eu era Arquibaldo. Eu tinha um lugar certo na curva do Maracanã, eu me reunia com o pessoal da rua da Alfândega, do Saara aonde eu tinha loja, eu já sabia que nós íamos se encontrar lá.”

Não parte do próprio George Helal, com um projeto próprio, específico, um projeto verdadeiro “para o Flamengo”, a idéia de ser dirigente. Tudo lhe acontece meio ao acaso, como na analogia de Sérgio Buarque de Hollanda, do “semeador”. No caso não parte dele a idéia de ser dirigente, é um outrem que lhe imputa a responsabilidade, vendo nele toda esta capacidade de ser dirigente. Assim também o é com o Dr. Francisco Horta. Nesse sentido, a noção de benemerência é fundamental. Vejamos um trecho da entrevista de George Helal:

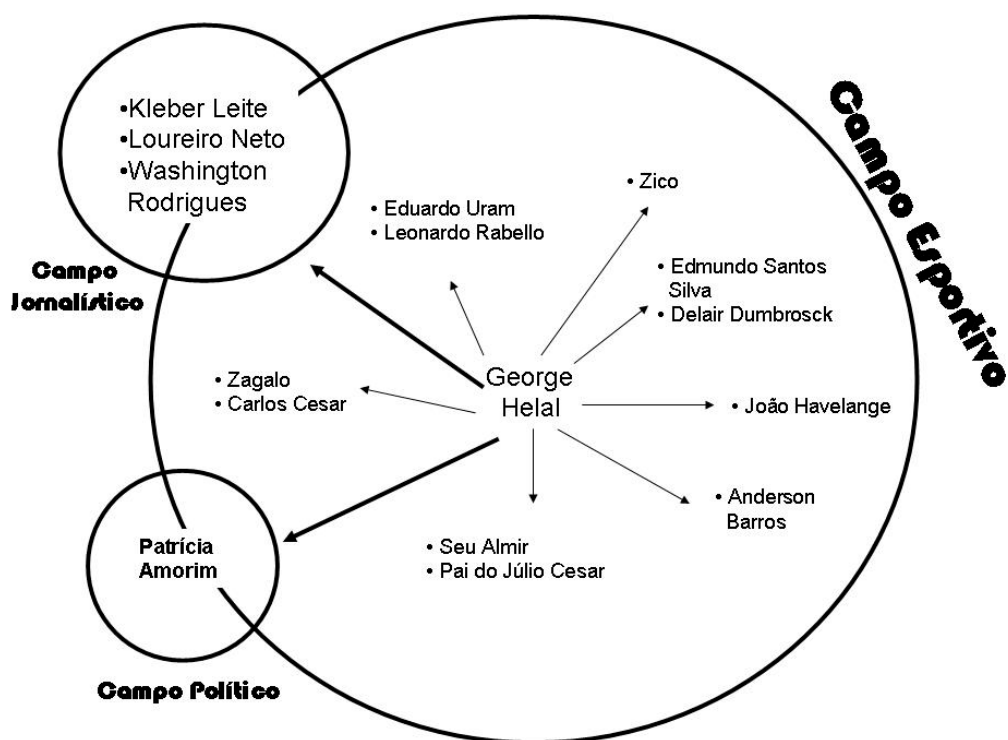
“Daí para me tornar presidente, 83-84/ 85-86, foi um passo. Foi isso que aconteceu. Quer dizer, Flamengo tem emérito, depois de cinco anos, se você continuar trabalhando, pode virar benemérito, depois de dez anos, você pode virar grande-benemérito. Eu fui benemérito em 74, e grande-benemérito em 1986. Só o Richer que está vivo comigo, é mais antigo é grande-benemérito há tanto tempo. Devem ter 26, 27, grandes beneméritos.”

O “benemérito” é aquele que presta serviços, aquele que se doa para o clube, que presta serviços: o que se põe em sacrifício por alguma coisa maior. De qualquer maneira, vale ressaltar as distinções realizadas no interior do próprio clube. No mundo anglo-saxão, o próprio clube configura-se como “um lugar de distinção”. No Brasil, porém, numa sociedade atravessada pela noção de hierarquia, existem distinções internas ao estatuto do próprio clube. Notório é o fato de que o estatuto do Flamengo começa justamente, após estabelecer “o que é o Flamengo; o que deve fazer o Flamengo”, com um artigo “Da Composição, do quadro Social”, em que estabelece as dez maneiras diferentes de fazer parte do Flamengo. A referência aqui, sem dúvida, é a obra do antropólogo Roberto Da Matta. Em dois momentos de sua obra, Da Matta faz referência ao clube “norte-americano” como um espaço de “diferenciação” ante o resto da sociedade, o que, sem dúvida, apenas reitera o caráter igualitário da sociedade “individualista” (1978: 132; 1997:72). Sendo assim, diz “é precisamente porque o credo igualitário é forte e onipresente que a hierarquia tem que se insinuar de modo injurioso (...) por meio de clubes fechados, de sociedades secretas, (...) que subitamente apresenta o meio social americano de modo totalmente ordenado, com cada classe e grupo racial no lugar que ocupam no eixo político-econômico”. (Da Matta, 1978:132). Da Matta não avança neste aspecto, mas a verdade é que o clube brasileiro reproduz, ao inverso, a

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

própria lógica da hierarquia no seu interior, afinal, existe toda uma série “de privilégios”, de acordo com o próprio estatuto do C. R Flamengo. Francisco Horta, em seu entrevista, deu-me a seguinte declaração: “No clube não se lida com pessoas iguais; trata-se com pessoas diferentes

Na ideologia individualista anglo-saxã, a política se faz, sobretudo, na base da concorrência dos projetos. Na sociedade brasileira, marcada predominantemente pela hierarquia, é necessário buscar sempre um consenso, daí a necessidade constante de construção de redes e de categorizar todos com seus “amigos”. A entrevista de George Helal é exemplar neste sentido, raramente estabelece uma oposição a algum grupo político explícito no Flamengo. Além disso, categoriza diversas pessoas de diferentes posições do campo esportivo, estratégicas, a meu ver, como “amigos”. “Amigo”, aqui, significa para muito além do laço de amizade, mas uma laço verdadeiro de uma relação social: a noção de reciprocidade, que faz com que estes homens articulem-se em uma espécie de rede de relações sociais. No filme *A Locomotiva*, sobre a vida de Eurico Miranda, certa feita, Rubinho Lopes afirma que o ex-presidente do Vasco, “faz tudo por seus amigos”. Assim sendo, a categoria “nativa” de amigos contem um significado para além de seu sentido aparente, mas refere-se, novamente, à construção desta rede que os dirigentes moldam a seu redor. Ser amigo significa a criação de um laço; significa, sobretudo, pertencer a uma “rede”. Vejamos um exemplo de construção da rede a partir especificamente de George Helal:



Nessa rede, constam apenas os mencionados por George Helal como “amigos” em sua entrevista, porém, trata-se da compreensão de que a rede do ex-presidente é muito mais extensa e muito mais complexa. Primeiro porque me limitei a colocar ‘na rede’ aqueles explicitamente referidos na categoria nativa como “amigos”; quis, portanto, apenas ‘dar uma idéia’ de quão importante são as relações sociais no campo esportivo; cabe ainda ressaltar que essa rede se entrelaça com outras redes, formando uma espécie de “trama”, que atinge múltiplos segmentos da elite carioca, sobretudo. Aqui, a um só tempo, lembramo-nos da teoria antropológica de Roberto DaMatta e da sociologia de Pierre Bourdieu. De um lado, a sociedade brasileira, verdadeiramente hierárquica, fundamentada sobretudo a partir das “relações pessoais”, se apresenta como presente na ossatura dos clubes cariocas; complementando-se com a idéia de que é apenas a construção da rede que permite a “transmutação de capitais”; permitindo a livre-circulação entre os campos.

Depoimentos coletados:

“Entrevista” com George Helal (1983-1984), ex-presidente do Flamengo, em depoimento concedido ao autor, do dia 12/03/2009

“Entrevista” com Luis Augusto Velloso, ex-presidente do Flamengo (1993-1994), em depoimento concedido ao autor, do dia 8/04/2009

“Entrevista” com Gilberto Cardoso Filho (1989-1990), ex-dirigente de futebol, em depoimento concedido ao autor, do dia 25/03/2009

“Entrevista” com Dr. Francisco Horta (1975-1976), ex-presidente do Fluminense e Juiz de Direito, em depoimento concedido ao autor, do dia 03/04/2009

“Entrevista” com Afonsinho, ex-jogador de futebol, em depoimento concedido ao autor, do dia 20/03/2009

BIBLIOGRAFIA:

ALVITO, Marcos. (2007) A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. Revista Analise Social. Número XLII (SEPARATA). Lisboa.

BAUMAN, Zygmunt. (2000) Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

BOURDIEU, Pierre. (2007) A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo, Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre, (s.d.) O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

BOURDIEU, Pierre. (1990) Coisas Ditas. São Paulo, Brasiliense.

BOURDIEU, Pierre. (1989) The State Nobility. Chicago, The Univesity Press.

BOURDIEU, Pierre (1980) Como é possível ser esportivos? In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Campus.

BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc (1992): An invitation to reflexive sociology. Chicago: The University of Chicago Press.

DA MATTA, Roberto. (1987) A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Guanabara.

DA MATTA, Roberto (1994). Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP. (Dossiê Futebol): 10-17.

0072 - Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol-espetáculo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, volume 33, número 66, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/09.pdf>, acesso às 20: 54, do dia 6/04/2009

GEERTZ, Clifford. (1973) “Deep play”: Notes on the Balinese Cockfight. In: The Interpretation of cultures. New York, Basic Books.

PORTELLI, Alessandro. [1996] A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais In: Tempo, Rio de Janeiro, n.2, dez. 1996:59-72. (pode ser obtido no site da Revista Tempo: www.historia.uff.br/tempo

[1998] “What makes Oral History different” In: PERKS, Robert e THOMPSON, Alistair. Oral History Reader. London: Routledge. Pp.63-74.

PRONI, Marcelo Weishaupt. (2000) A metamorfose do futebol. São Paulo. UNICAMP.

RUSSELL, Dave. (1997) Football and the English: a social history of football in England, 1867-1995. Preston, Carnegie.

SAHLINS. Marshall. (1990) Ilhas de história. São Paulo: Companhia das Letras.

WISNIK, José Miguel. (2008) Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras.